

AS PÁGINAS COTIDIANAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Dayane Cristina Guarnieri

Universidade Estadual de Londrina - UEL

dayaneguarnie@hotmail.com

RESUMO

O texto possui o objetivo de refletir sobre as possibilidades em se utilizar as fontes periódicas impressas para desenvolver pesquisas na área da história da educação, pensando a sua relação com a história da imprensa e o processo civilizador, a partir da perspectiva de Norbert Elias de uma análise histórico-social. Assim, a educação e a cultura são compreendidas de forma intrínseca, pois se autoinfluenciam e se modelam a partir do nível de desenvolvimento da sua sociedade. Nesse caminho, a síntese histórica é imprescindível para estabelecer os nexos entre acontecimentos e mudanças sociais a partir de um olhar de longo prazo, mas também é necessário atravessar o projeto editorial da fonte para compreender a conjuntura histórica do período para relacioná-la com mudanças nas emoções e nos comportamentos que fornecem sentido para os grupos sociais.

Palavras-chave: Educação. História. fonte periódica

Introdução

A pesquisa aborda as potencialidades em se trabalhar com os periódicos diários de caráter não pedagógicos, como fonte que contribui para ampliar a pesquisa na área da história da educação. Essa fonte aborda assuntos diversos, corroborando para a compreensão das práticas cotidianas, assim como, da cultura e das emoções sociais.

Os periódicos diários fazem parte da grande imprensa, por isso, temos que considerá-los como empresas que – apesar de possuir, por vezes, seu pensamento social particular – buscam se comunicar com uma gama maior de pessoas e grupos. Dessa forma, é possível perceber a disseminação de padrões culturais apropriados e ressignificados pelos grupos sociais.

Para compreender a educação formal, é preciso percebê-la como uma prática central de poder, imprescindível para a construção e manutenção das sociedades atuais. Ela se tornou um símbolo, que revela a complexidade das relações e interdependências entre diferentes grupos estabelecidos e outsiders¹ e áreas - socioeconômica, política, cultural e emocional.

A educação está no cerne do discurso de modernização e desenvolvimento nacional, mas ela se constitui como uma prática que pode perpetuar tanto permanências quanto mudanças. Ao analisar a educação precisamos considerar o imaginário cultural e político, assim como, as experiências da época.

A educação se forma a partir das práticas culturais desenvolvidas na sociedade. E a imprensa “tem a capacidade de formar uma cultura, padronizar o povo” (GONÇALVES NETO, p. 2002). Portanto, a imprensa também atua sobre a educação formal, ao disseminar e repetir ideias padronizadas.

Assim ao transformar o periódico em fonte é preciso considerar as suas experiências e intencionalidades, dessa maneira, é necessário conhecer a sua relação com as conjunturas políticas e econômicas do período estudado. Dessa forma, é possível se aproximar do imaginário educacional e das suas práticas, do dia a dia, em determinado contexto histórico.

Para isso, busca-se fazer a análise da conjuntura histórica e do projeto editorial sobre as expectativas que permeiam a educação, para isso, se utiliza a perspectiva de Cruz e Peixoto (2007) para as quais, devemos entender a imprensa como linguagem do social, que detém historicidade e peculiaridades próprias que atua de várias maneiras, mas especialmente nesse texto, se aborda as suas ações no sentido de formar uma visão imediata a partir da sua realidade social.

¹ Categoria de análise utilizada por Norbert Elias (2001), para caracterizar a construção de grupos estabelecidos e marginalizados a partir da capacidade de coesão e estigmatização

Assim, ao abordar a educação, estamos trabalhando com a perspectiva emocional e prática, onde se percebe a sua importância tanto para a organização da sociedade quanto para a formação do indivíduo. Seu caráter modelador, se encontra na aprendizagem de conhecimentos e comportamentos, geralmente consensuais. Essa certa homogeneidade, garante algum controle e fabrica um autocontrole do comportamento e das emoções nacionais. Ao sintetizar o imaginário educacional é possível entender quais eram as emoções e práticas que caracterizam as sociedades e quais as tendências educacionais.

Hoje podemos observar que a perspectiva de futuro, relacionada com a educação formal está baseada na sobrevivência e na satisfação - sucesso pessoal, poder ou ascensão social. A maioria da população que se insere no nível de desenvolvimento das sociedades pós-industriais, possuem a educação formal, como um símbolo mediador para atingir as suas expectativas de satisfação.

A formação desse imaginário educacional, foi apropriação e resignificado pelos indivíduos, a partir do discurso de uma educação nacional, fomentada pelo Estado, que aponta a educação como o caminho para o desenvolvimento do país. A educação formal que se configura possuía uma tendência de integração e diferenciação.

Os periódicos como fontes para pesquisas em História da Educação, são férteis em informações, que por sua característica serial, possui uma história construída que precisa ser desnaturalizada para se perceber e compreender as mudanças, as tendências e as tensões produzidas pelas relações de poder.

De acordo com Campos (2012, p.67), a fonte periódica é “uma das maneiras mais eficientes utilizadas pelos historiadores da educação que estudam os séculos XIX/XX, tempo em que os impressos ocupavam um processo civilizador no Brasil”.

Os periódicos diários, são impressos que fazem parte da grande imprensa. Essa fonte permite ver a experiências do cotidiano, da cultura, da educação, dos personagens, do público, do privado, do econômico e do político, não existe outro documento que fornece uma “perspectiva tão ampla da sociedade e dos seus problemas” (VIERA, 2007, p.13)

Assim como a educação formal, a imprensa não reflete a sociedade, mas nos fornece indícios para ajuda sintetizá-la, assim, por meio, de variadas informações sobre diversos campos como, política, economia, violência, movimentos sociais etc., é possível localizar a função da educação nas relações de poder que se formam.

Os periódicos, segundo Faria Filho (2002) revelam as estratégias utilizadas pelos agentes sociais na construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras, costumes, e são sobretudo, importante estratégia educativa.

Assim as matérias jornalísticas revelam os agentes sociais na conformação de um campo/imaginário educacional.

Nestes termos, um periódico pode, inclusive, adquirir um caráter pedagógico, contribuindo para a profusão de um ideário educacional ou de uma perspectiva acerca do que deve ser a educação e sua organização (MAGALDI, 2008), “se a educação é uma prática social que se estrutura a partir do que é veiculado pela cultura, a imprensa tem seu lugar na educação dos homens em sociedade” [...]. “Imprensa e educação se constroem historicamente, posto que suas relações são intrínsecas,” (SCHELBAUER & ARAÚJO, 2007).

Como a grande imprensa visa ampliar seu público ela produz uma diversidade de conteúdo que pode oferecer pistas sobre as relações de poder entre os grupos interdependentes que se inserem no Estado e na sociedade. A sua escrita cotidiana, não é apenas reprodutora/produtora de ideias oficiais ou de grupos dominantes, mas é um produto cultural construído socialmente, a partir de muitas mãos e que também é influenciado ao se apropriar de ideias e de práticas vividas e refletir isso em seus textos.

Os periódicos publicação impressa que são postos a circular publicamente, com periodicidade, seja esta diária, semanal, anual ou qualquer outra, os periódicos diários são modalidades específicas, tendo como características essenciais: *a periodicidade* - nascem como uma série - sucessivos exemplares periódicos de um mesmo jornal, encadeia-se uma história que precede a operação historiográfica - , *a abrangência* - assuntos e público leitor e *a polifonia* de textos – conjunto de textos, a produção multiautoral - diferentes seções e variedade de autores e redatores (BARROS, 2011).

Nos periódicos diários existem várias linguagens - são artigo de fundo, a notícia e a reportagem, as crônicas, críticas, ensaios, as cartas e pequenos comentários, a fotografia, o desenho e a charge, o classificado e o anúncio comercial – e partes - editoriais, noticiário, carta de leitores, seção comercial, artigos assinados (CRUZ E PEIXOTO, 2007).

As autoras fazem uma provocação, ao afirmarem que a diversificação dos materiais com os quais trabalhamos, não acompanhou a preparação de profissionais para o trabalho de crítica histórica desses materiais, principalmente, na imprensa que diferente de outros materiais - depoimentos orais e a fotografia – tem sido alvo de poucas discussões sobre os procedimentos teórico-metodológicos. Não adianta falar que a imprensa tem uma “opinião”, é preciso entender que sua atuação, espaços, temas, mobilização de opiniões e criação de adesões e consensos (CRUZ e PEIXOTO, 2007).

Os periódicos atuam no fomento á adesão ou ao dissenso, mobilizando para a ação; na articulação, divulgação e disseminação de projetos, ideias, valores, comportamentos, etc.; na produção de referências homogêneas e cristalizadas para a memória social. Pela repetição e naturalização do inusitado no cotidiano, produzindo o esquecimento. No alinhamento da experiência vivida globalmente num mesmo tempo histórico na sua atividade de produção de informação de atualidade. Na formação de nossa visão imediata de realidade e de mundo. Na formação do consumidor, funcionando como vitrine do mundo das mercadorias e produção das marcas (CRUZ e PEIXOTO, 2007)

Os periódicos fazem a história imediata, que precisa ser analisada criticamente e contextualizada com o momento específico de sua realização, pois o que produz não é totalmente a verdade nem a mentira, mas sim, uma reprodução imperfeita de uma construção que almeja legar a o status de verdadeiro (ALVES, 1996, p.34).

O uso dos impressos não se limita ao uso de um texto isolado, mas é importante investigar o “seu lugar de inserção e delinear uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto da pesquisa historiográfica rigorosamente inseridos na crítica competente” (LUCA, 2006 p.141).

Cabe lembrar a importante função da imprensa que media a relação informação/notícia e o seu público-alvo, nesse processo o periódico realiza de acordo com Luca (2006) a seleção da informação que será transmitida, a localização desta dentro do jornal, escolhe o tipo de linguagem, o ângulo de abordagem da notícia, e a ênfase e intensidade na defesa de determinadas ideias, e principalmente as “motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa” (LUCA, 2006 p.140).

Para Cruz e Peixoto (2007) transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Para isso, é preciso entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida. Mais ainda, trata-se também de entender as diferentes conjunturas em que a imprensa se insere.

Como afirma Martins e Luca (2006) a troca de ideias e informações não é uma invenção do nosso tempo, mas decorrer do século XX, com avanço tecnológico os meios de comunicação de massa aceleraram a circulação de dados, se tornando acessível para um número maior de pessoas. A imprensa escrita é considerada o primeiro meio de comunicação de massa, que no século XIX, fábrica na Inglaterra a ideia de quarto poder, cuja função seria vigiar o executivo legislativo judiciário.

Contudo, a pretensão de liberdade de expressão e de fiscalizar e denunciar os atentados contra a democracia, enfrenta obstáculos como a censura que se perpetua, principalmente, em governos autoritários, e também em governos chamados de democráticos. Além da censura, os estabelecidos no poder, possuem outras formas de controlar as informações:

[...] convenções, favorecimentos, financiamentos privilegiados, isenções e facilidades toda ordem para empresas que se mostrarem sensíveis às necessidades interesses governamentais. a pressão dos anunciantes, funk fundamental e sustento, também não pode ter menosprezada e não é à toa que se afirma que o jornal é vendido duas vezes: uma para os que anunciam nele e outra para o leitor. (MARTINS & LUCA, 2006, p. 13)

Hoje apesar, do processo o desaparecimento do periódico de suporte de papel, a imprensa continua a atuar seguindo duas tendências, a de superficialidade e o retorno do caráter opinativo. Além disso a desprofissionalização do jornalismo e a possibilidade demais grupos e indivíduos produzirem informação, gerou muitas informações falsas, visando conquistar adesão, popularidade ou estigmatizar seus opositores. Essa conjuntura histórica, demonstra uma onda de descrença e supercrença na informação e naqueles que a produzem ou disseminam.

Desde os séculos XVII, XVIII e princípios do XIX, se, fala de uma esfera pública, com o aparecimento da imprensa e da burguesia. Na formação da esfera pública a imprensa e a burguesia se constituíram, intrinsecamente, a imprensa é o espaço de atuação da burguesa, eram pessoas privadas que discutiam assuntos públicos. Para tirar proveito da imprensa, é necessário ter possibilidade econômica e cultural para fazer circular suas mensagens, a possibilidade de torná-las visíveis, representa que o grupo já adquiriu algumas relevâncias políticas, sociais e econômicas, bem como cultural e assim, pode competir com os outros poderes visíveis, como a Igreja e a Corte (MONTROYA, 2004).

Montoya (2004) aponta que a imprensa foi um instrumento de propaganda de reis e da igreja desde o século XVII. Já no século XIX era o meio de mobilização popular, a imprensa de massas - conteúdo político, entretenimento, utilidade para a vida urbana - evolui para uma imprensa icônica, entre 1830 e 1850, que foi generalizada, coincidindo com o financiamento publicitário, que insere a revista ilustrada na tradição popular, primeiro pelas histórias e depois pelas imagens. A massa é um fenômeno novo, a comunicação de massa nada tem a ver com a comunicação das elites.

A partir da visão processual do social, de Elias (2006), é possível pensar que essa característica da desconfiança, que recaiu sobre a imprensa ao longo do seu desenvolvimento

foi não-direcionada, mesmo assim, possui uma estrutura, construída a partir do processo civilizador². De acordo com Burke e Briggs (2006, p. 12), as acusações contra o jornalismo, já era um lugar comum no século XVII. Os autores propõem observar a mídia como um sistema em contínua mudança, no qual, elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque, temos assim uma história social e cultural que inclui política economia e tecnologia e que rejeita o determinismo tecnológico.

A linguagem de massa surgiu no século XIX, e a cultura escrita no século XII e XIII. A invenção da imprensa gráfica, nova tecnologia produzida para satisfazer uma demanda crescente por material de leitura. A mentalidade letrada, expressão cunhada por David Olson *in the World of paper*, de 1994, é uma expressão que se refere a mudanças que as práticas da leitura e da escrita provocaram, segundo ele no modo como pensamos a linguagem, o espírito e o mundo, do surgimento da subjetividade à imagem do universo como livro. para Jack Goody em *The domestication of the Savage life* de 1977, diz que a permanência de registros escritos age como um obstáculo a amnésia estrutural e, portanto, estimula uma consciência da diferença entre passado e presente (BURKE e BRIGGS, 2006)

A cultura midiática, também usa as formas rituais de representação, ao colocar em cena os mitos de origem da tribo, do grupo, da nação e os novos mitos da sociedade de massa, neste caso, é importante saber a ideia de virtude que tem o seu público. A imprensa está sempre farejando, novos mitos, quando consegue fabricar o seu conteúdo lúdico-afetivo, pode atingir, comover, dialogar e talvez influenciar a sociedade, para exercer essa prática ela faz um exercício de empatia, compreendendo o imaginário e a linguagem do seu público (MONTROYA, 2004).

Assim, para se pensar sobre um país ou um grupo, conhecer os símbolos é imprescindível para sustentar o imaginário social que garante sentido e direção para a sociedade. O medo e expectativa que os símbolos geram são difundidos pelo discurso e alcançam a população, sua força depende da adesão e sentido que produz em uma sociedade, ou seja, a sua capacidade de exercer ação, ou não.

A potência unificadora dos imaginários sociais é assegurada pela fusão entre verdade e normatividade, informações e valores, que se opera no e por meio do simbolismo. Com efeito, o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo a ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando

² Processo de desenvolvimento da sociedade sujeito a recuos e avanço, no qual, a sociedade e o indivíduo procuram formas de satisfazer suas necessidades.

os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum (BACKZO, 1985, p. 311).

Concorda-se com Backzo (1985, p. 312), quando ele afirma que as representações, muitas vezes, são mais influentes que os acontecimentos que dão origem a elas, porque legitimam um poder, informam sua realidade e o comprovam. Os imaginários sociais, vivem das representações e têm sua maior força na produção de visões futuras - angústias, esperanças e sonhos – o que garante respeito e a obediência. Mas eles, dependem de outras relações, ou seja, outros tipos de imaginários como o simbolismo do sagrado, que pode ser fundido ao imaginário social para legitimar um poder.

A imprensa possui força simbólica, por ter como fonte os imaginários sociais que em determinada sociedade se tornaram objetivos que garantem sentido para vida dos seres humanos. Com isso, são, produtores e difusores de símbolos que movimentam e alteram as relações e as estruturas sociais, o que conseqüentemente colabora com a internalização de padrões de comportamento e emoções.

Muito mais, do que a intencionalidade econômica, política, identitária, religiosa ou ética, o fonte imprensa é capaz de revelar o processo de formação das emoções de uma época e sua relação com as transformações na estrutura social, por isso, ao lidar com os impressos é possível se apropriar das sensibilidades históricas vividas, e quando se olha para uma perspectiva de longo prazo, a partir dos periódicos é viável estabelecer nexos entre os eventos e as mudanças sociais, pois ali está posto os embates e disputas por lugares de poder, o que movimenta as ações e as emoções que visam ao mesmo tempo, satisfazer as necessidades de um grupo e, atualmente, nas sociedades com alto nível de desenvolvimento, tendem a diminuir a agressão direta aos outros grupos. O que não significa, permitir que ocorra grandes desequilíbrios de poder, mas sim, realizar a manutenção da estabilidade.

Considerações finais

Para estudar a história da educação, temos os periódicos diários, como uma fonte farta com potencialidades de novas perspectivas que podem ser exploradas, quando consideramos, a fonte a partir dos seus nexos com a história da imprensa, o processo civilizador e a escolarização, esses elementos interligados, permitem acessar elementos complexos como os imaginários e as emoções que estão imbricadas nas mudanças estruturais de uma sociedade. Dessa forma, é possível comparar e compreender o desenvolvimento histórico não-planejado e ir além das intencionalidades imediatas da conjuntura histórica.

REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social** In: Leach, Edmund et Alii. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional, 1985.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **De Gutenberg a internet**. Madrid: Taurus, 2002.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto história**, v. 35, n. 2, p. 253-270, 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. O processo de escolarização em Minas: questões teóricas-metodológicas e perspectivas de análise. In: VEIGA, Cynthia e FONSECA, Thais (org.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, José Carlos de Souza e GATTI Jr., Décio (org.). **Novos temas em história da educação no Brasil. Instituições escolares e educação na imprensa**. Uberlândia: EDUFU; Campinas: Autores Associados, 2002

KUSHNIR, Beatriz. Pelo viés da colaboração: a imprensa no pós-1964 sob outro prisma. **Projeto história**, São Paulo, n.35, p. 27-38, dez. 2007, p. 27-38.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MAGALDI, A. M. B. M.; XAVIER, L. N. Apresentação. In: _____. (Org.). **Impressos e História da Educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

MENDES, Jairo Faria. Memória dos jornais mineiros do século XIX: revisão crítica das fontes historiográficas. In: III Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. **Anais...** Nova Hamburgo, RS: 2005.

NARVÁEZ MONTOYA, Ancízar. **Cultura política y cultura mediática: esfera pública, intereses y Códigos**. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v.6, n.1, Ene-Abr. 2004.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCHLBAUER, Analete Regina; ARAÚJO, José Carlos Souza. **História da educação pela imprensa**. Alínea, 2007.